**O gato no meio da estrada**

Joana Casanova morava longe da cidade. Todo dia de manhã era mais de uma hora e meia no carro com seu pai para chegar no colégio. Era difícil receber seus amigos ou parentes em casa, mas isso nunca havia a incomodado tanto. Ficava perfeitamente satisfeita em passar suas tardes livres estudando, lendo ou apenas passando tempo com seu gato. Isso, claro, antes de conhecer Kaique. Aí a sua percepção de solidão mudou completamente após começar a passar tempo demais com o garoto um ano mais velho. Ficar sozinha todo dia em casa quase chegou a se tornar... chato.

Namorar Kai também trouxe outro benefício além da companhia – seus pais o deixavam dirigir o carro da mãe. Assim, Jo começou a ter caronas bem mais empolgantes que as de seu pai. Ela insistia, mais por charme que qualquer coisa, que não precisava das caronas ou do esforço dele, mas não iria negar que sua vida social tinha se tornado muito mais movimentada com a dedicação de Kai.

Era o caso naquela noite. Jo se encontrava se sentada na sala de estar de sua casa, as pernas cruzadas, coluna perfeitamente ereta e seus olhos pintados de preto fixos no relógio. Tinha combinado com Kai de encontrá-la às 22h. Eram 22h25. Pontualidade nunca tinha sido um dos pontos fortes dele.

Passou a mão sobre a camada de tule vermelho que envolvia seu vestido e ajeitou sua coroa na cabeça. Bufou irritada e ressentiu a decisão de aceitar a carona.

Uma buzina ecoa por entre as paredes de madeira e ela se põe de pé rapidamente. Joga uma jaqueta por cima de seus ombros nus e segue em direção à porta. Kai estava fora do carro para encontrar Joana, as mãos enfiadas no moletom cinza. Jo sorriu ao ver a fantasia. Sabia que, caso perguntasse, Kaique diria que estava simplesmente vestido de esqueleto. Porém, a referência clara à Donnie Darko, o mais novo filme favorito de Kaique, o denunciava.

- Você está linda demais! – disse ele, envolvendo Jo num abraço apertado.

- Obrigada, Donnie – Jo sorriu, depositando um beijo em sua bochecha. – Leo ficou bravo contigo por copiar sua ideia?

- Nada, ele nem queria fazer nada. Só pintou a cara – Kai revirou os olhos – Vamos, que eles tão te esperando.

Jo seguiu o namorado e entrou no lado do passageiro. Imediatamente virou o corpo para encarar seus amigos no assento de trás.

- Ah, eu amei! – a garota loira vestida de anjo, Bianca, exclamou, juntando as mãos ao lado de sua bochecha. – Você devia ter me falado que vinha de Rainha de Copas! Eu teria arranjado uma fantasia de Alice.

Jo forçou um dos lados da boca para cima e encarou a loira pacientemente. Antes de falar, suspirou.

- Devo ter esquecido de comentar, mesmo – concordou, contrariada. Tinha absoluta certeza que havia falado da fantasia uma dezena de vezes para os amigos, inclusive à ela.

- Fica para o próximo ano! – Bianca riu, voltando a repousar as mãos no colo – Daí você consegue se preparar mais, Leo.

Leonardo, que estava sentado atrás de Kaique, era, facilmente, o menos empolgado para a festa. Sequer havia se dado ao trabalho de colocar uma fantasia. O garoto estava com metade do rosto pintada de preto e branco, como um esqueleto, um moletom e calça jeans.

Ele olhou entediado para Bianca e deu um sorriso.

- Talvez, Bi – disse ele, coçando um dos cantos do nariz pintado. – Olá, Jo. Fantasia maneira.

- Oi, Leo – Joana sorriu.

Kaique deu partida no carro e saiu de ré.

- Não creio que tu veio de esqueleto também. – Leo resmungou, dando um tapa de leve na orelha de Kai - Podia ter avisado, eu pintava a cara de tigre, sei lá.

As meninas riram e Kai ergueu as sobrancelhas incrédulo.

- Já disse! Eu estou de Donnie Darko.

- O filme acabou de sair em DVD, como você espera que vão te reconhecer?

- Daí a ambiguidade funciona. – Kai sorriu, olhando o amigo pelo retrovisor.

- A ambiguidade me fode...

- Não vai sentir frio, Bianca? – Jo perguntou, direcionando sua atenção para a menina.

Bianca olhou para baixo e deu de ombros. Estava usando apenas um conjunto de lingerie e uma calça preta. Ao redor de seus braços, uma echarpe de pelos era a única camada de tecido que a protegia da brisa fria da Serra em que moravam.

Joana pode perceber pelo jeito que seus ombros se ergueram que Bianca ficou levemente desconfortável ou insegura com o comentário.

Não eram grandes amigas e ainda assim Jo conseguia ler bem a outra. Era bastante expressiva e tinha dificuldade de esconder seus sentimentos extremamente intensos.

Alheio à sutil tensão formada entre os amigos, Kaique batia os dedos ao ritmo de *Heat of The Moment* do grupo Asia. Leo estava praticamente com a cabeça para fora do carro.

Joana se questionou por que os quatro estavam indo à festa se eles nem queriam tanto assim. Mesmo que ela e Kaique adorassem a época sombria e toda a ideia do Halloween, preferia passar sua noite em casa, alugar alguns filmes de terror, algo do tipo. Não estava nem a quinze minutos longe de seu quarto e, de alguma forma, já sentia falta. Tinha prometido não se desassociar aquela noite. Ia se divertir, custe o que custar.

Kai levantou algumas discussões sobre as últimas aulas de matemática para ver se assim os amigos iriam se animar. O clima aos poucos foi melhorando.

Isto é...

Até que uma sombra corcunda de repente apareceu no meio da estrada, tão subitamente que foi impossível para o garoto frear o carro. A sensação que as pessoas dentro do veículo sentiram foi parecida ao susto de passar num quebra-molas rápido demais. Seus corpos foram jogados levemente para cima. Joana, que não estava usando cinto de segurança, chegou até a bater a cabeça no teto do carro.

Fechou os olhos com força, suprimindo um gemido de dor e levou as mãos ao topo da cabeça. Sentiu o lugar pulsar. Com certeza, iria criar um galo.

- Tá todo mundo bem?! – Kai perguntou desesperado, parando finalmente o carro. O som dos pneus cantando fez a dor de cabeça de sua namorada piorar.

- O que foi isso, porra?! – Leo perguntou, instintivamente procurando Bianca do seu lado para ver se ela ainda estava lá.

- Que susto. O que foi isso? – Bianca repetiu a pergunta, levando as mãos a seu colo nu.

- Acho que atropelei alguma coisa... – Kai falou – Fala alguma coisa, Joana, pelo amor de Deus.

Joana abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi a estrada deserta, preta. Seu coração batia forte em seu peito. Ficou aliviada de saber que ainda estava viva. Agarrou a mão de Kai e girou no assento tentando entender o que tinha ocorrido.

- Tudo bem... – ela sussurrou. – Acho que devemos ver o que foi.

Os amigos concordaram sem protestos e logo os quatro se encontraram de pé e fora do carro. Deixaram os faróis acesos para facilitar a identificação dos elementos escondidos na escuridão.

Kaique foi na frente. Pegou um pedaço de pau que achou na beira da estrada e agarrou-o com tanta força que os nós de suas mãos ficaram brancos. Bianca escondeu seu corpo esguio atrás de Leo, olhando por cima do ombro do menino para ver o que estava acontecendo. Leo seguiu Kai com certa relutância, tentando de alguma forma proteger a loira. Jo, porém, não estava com medo que nem os outros. Ela revirou os olhos impaciente e tomou a posição de líder que Kaique tinha assumido. Arrancou o pedaço de pau da mão do namorado e seguiu em direção à sombra preta, imóvel no chão. Cutucou a coisa antes de virá-la para que pudessem ver melhor. Ao perceber o que era, deixou a madeira cair no chão. Bianca gritou de medo do som que tal ação fez.

A morena sentiu seu estômago embrulhar.

Era um gato.

Um belíssimo e grande gato. Totalmente branco, com exceção de umas manchas de pelos pretos ao redor dos dois olhos sem vida e logo abaixo do pescoço. Os olhos estavam esbugalhados, quase pulando para fora das órbitas, e eram... lindos. Um castanho e um azul. Sua língua pendia para fora da boca e o sangue que escorria de sua barriga era o suficiente para fazer Joana querer sentar-se no canto da estrada e chorar. Lembrou de seu querido gato em casa, seu fiel companheiro. Era seu animal favorito. E tinham acabado de arrancar a vida de um. Ainda que acidentalmente.

Ela encarou a horrorosa imagem por mais alguns segundos antes de dar as costas ao animal.

- É um gato. Está morto – ela disse, com a voz rouca e falha.

Kai olhou para o animal e seus olhos encheram d’água.

- Merda! Merda, merda, merda... – ele repetiu, baixinho.

Levou as mãos ao cabelo e disparou andando em outra direção.

- Ei, cara! – Leo gritou, querendo impedir que o amigo fosse longe demais.

- Deixa ele... – Jo advertiu. Sabia como o garoto ficava quando estava aborrecido. Precisava de um tempo longe de todos. – Ele logo volta.

Bianca agarrou Leo pela manga de seu suéter e puxou, pedindo sua atenção.

- Acho que devemos chamar a polícia rodoviária. Não é bom deixar o animal aqui no meio da estrada. Pode causar acidentes.

Jo olhou a menina loira, incrédula. Abriu a boca, mas sequer conseguiu decidir por onde começar.

- Você é louca?! – gritou, áspera – Kai não tem carteira! Você quer passar a noite na polícia?!

Bianca deu de ombros.

- Acho crueldade deixá-lo aí...

- Talvez... – Leo ponderou, dando um passo para o lado, desviando do toque da loira – Talvez eu e Kai podemos... Mover ele para a beira da estrada.

Jo soltou a respiração, mais aliviada. Finalmente uma ideia racional.

- Vamos só esperar ele esfriar a cabeça...

E eles esperaram.

Bianca e Leonardo sentaram-se no capô do carro até que Kaique voltasse à suas propriedades mentais para seguirem em frente. Joana tentou ficar calma. A estrada era vazia, muito vazia. Poucas pessoas moravam por lá e nunca havia tráfego aquela hora da noite.

Estava tudo certo...

Era uma pena o que houve com o gato, mas não iria arruinar sua noite.

Mais ou menos uns dez minutos depois, Kai voltou para junto de seus amigos. Leo o inteirou do plano e ele concordou, ainda meio atordoado. Os dois meninos tiraram seus respectivos casacos e enrolaram o corpo do felino. Levaram-no para a beira da estrada, no meio da mata e voltaram para encontrar as meninas.

- Ei! – Jo chamou Kai, passando um braço ao redor dele – Não foi culpa sua.

Kai olhou para ela, ainda meio abalado, mas acabou cedendo com um aceno. Os quatro amigos seguiram até o carro e seguiram seu caminho para festa.

Era quase quatro da madrugada quando Kaique tirou Leonardo da lanchonete, ambos bêbados e tropeçando nos próprios pés. Os dois melhores amigos saíram cantarolando a música que tocou pelo menos três vezes durante o período de tempo que levou para eles devorarem lanches e milk-shakes na única lanchonete 24 horas da cidade.

- *Toniiight.... You belong to me!* – e riam, como se fosse a coisa mais engraçada dos últimos tempos.

Jo ficava feliz em ver seus amigos assim. Sabia o quão estressados e, francamente, chatos eles podiam ser depois de uma noite como aquela. Quase como uma depressão pós-festa. Significava que a noite tinha sido boa o suficiente para sustentar o sentimento de felicidade por muito tempo.

- Ei, Jo! – Bianca chamou a morena, rindo embriagada – Devemos pedir um táxi para voltar?

Joana girou nos calcanhares e encarou a amiga. Sua imagem foi dividida em duas, o que tornou difícil a concentração dela nos olhos azuis escuros que a fitavam com um interesse genuíno.

- Acho que consigo Kai consegue levar a gente... – ela deu de ombros, pensando no delicioso milk-shake de morango que tinha acabado de comer. Estava confiante que a alta dose de glicose que ela e seus amigos haviam ingerido seria o suficiente para controlar o álcool. – Te deixamos na sua casa ou na casa de Leo?

Bianca pareceu levemente chocada com a pergunta. Abriu um sorriso constrangido ao colocar uma mecha do cabelo atrás da orelha.

- Acho que pode ser na do Leo. Facilita pra vocês também, não é?

Jo sorriu de volta e colocou uma mão no ombro dela. Bianca era linda. Talvez uma das meninas mais bonitas da cidade. E ainda assim conseguia ser mais insegura que Joana – o que era extremamente difícil. Não entendia como a loira não conseguia enxergar todas as qualidades que ela – e todo o resto do mundo, para ser honesto – via.

Estava concentrada nos belíssimos olhos da amiga até que algo tomou totalmente sua atenção. Por cima do ombro de Bianca, em cima de uma lata de lixo, havia...

Um gato.

Um gato?

Um gigante gato, de pelos brancos, com manchas pretas ao redor dos olhos heterocromáticos – um preto e outro azul. Ele estava sentado, majestosamente, nas patas traseira e encarava Joana com a intensidade de um mar durante uma tempestade.

Joana sentiu todos os pelos de seu corpo se eriçarem. Seu coração ficou imediatamente gelado. Estava vendo... um fantasma?

Piscou os olhos com muita força e desejou que todo o álcool presente em seu sangue evaporasse imediatamente. Esfregou as palmas da mão no rosto, beliscou a bochecha... E o gigante gato continuava a encará-la com interesse.

Com a graça equivalente a uma dançarina profissional de ballet clássico, o gato se colocou de quatro, com as costas arqueadas e o rabo indo de um lado para o outro. Pulou até o chão e parou para encarar a garota mais um pouco.

- Bianca. Bianca! – Jo exclamou, áspera – Olha atrás de você.

Bianca franziu as sobrancelhas e olhou por cima de seu ombro.

O gato, quase como se percebesse o movimento da loira, mudou de direção e, lentamente, caminhou pelo estacionamento do estabelecimento, em direção à mata que envolvia toda a estrada.

- Que estranho... – Bianca falou, engolindo em seco.

- Kai! Leo! O GATO!

Jo disparou em direção ao casal de amigos bêbados e puxou Kai pela manga de seu moletom.

- Eu sei que sou um gato! – Kai disse, brincalhão, fazendo Leonardo gargalhar. Joana, porém, não achou a menor graça.

- Não, caralho, o gato! Da estrada, de antes.

- O que tem ele?

- Ele tá ali! – disse ela, apontando para o felino que àquela hora quase havia desaparecido nas sombras da noite.

- É só um gato, Jo. – Leo debochou – Esquece isso aí.

- Era *o* gato.

Kai franziu os lábios e olhou para Leo com as sobrancelhas erguidas.

- Acho que alguém bebeu demais... – comentou, dando um toque na bochecha da namorada.

- Eu sei o que eu vi! Bianca também viu. Perguntem pra ela.

- Tá bom, Jo, talvez fosse um gato parecido.

- Não. Vocês não entendem, ele me ficou me olhando. Como se... Como se soubesse o que tinha acontecido.

- Você espera o que com essa conversa? – Leo perguntou, já visivelmente irritado – O que você quer que a gente faça ou fale?

- Quero ver o que tá acontecendo... Aquele gato tava morto. Eu tinha certeza. Agora não tenho certeza e nem sei se está morto.

Jo olhou para os dois, que não pareciam nem um pouco convencidos e deu meia volta. Disparou pelo estacionamento, seguindo os passos do gato.

- Amor! Onde você vai?

- Vou ver que porra tá acontecendo.

Bianca olhou a outra menina em choque, confusa se a seguia ou se juntava aos outros meninos.

- Nem pensar que você vai se meter no meio dessas árvores de noite! – Leo deu passos largos para alcançar a amiga. – Vai se perder.

Jo fez uma careta.

- Eu não sou burra. E definitivamente não vou embora sem ver o que foi aquilo

- Ok, ok – Kai chegou correndo e pegou no braço da namorada – Eu vou com você, então.

- Vamos todos! – Bianca se meteu, segurando na mão de Leo, que encolheu ao toque.

Ele abriu e fechou a boca para responder Bi, mas parecia confuso em como não magoar seus sentimentos. Afinal, acabou cedendo e passou um braço por cima de seus ombros esguios.

- Vamos rápido, então. Antes que ele suma!

Jo tomou frente do grupo que a seguiram pelo estacionamento até os morros da mata.

Estavam a poucos minutos dentro do mar de árvores, galhos e folhas secas quando Jo avistou o gato, sentado e lambendo sua pata pacientemente. Novamente, sentiu calafrios. Ele estava... esperando? Sabia que ela iria segui-lo?

Sabia que gatos eram animais extremamente inteligentes e, pelo menos pela sua experiência, sempre teve uma conexão forte com o animal. Seu gato, em casa, sempre sabia quando ela estava triste, quando estava feliz. Mas... Aquele era diferente de seu fiel companheiro. Ele não parecia saber seus sentimentos... Parecia raciocinar quais ações a garota iria tomar.

- Caralho... – Leo murmurou – Parece muito com o de antes mesmo.

- É... – Jo sussurrou.

O gato seguiu seu caminho, sem olhar para trás.

Os quatro amigos o acompanharam de uma distância considerável, numa mistura de receio de assustá-lo e medo do bicho ataca-los. Ele, no entanto, nem parecia se importar com a companhia. Sequer demonstrou qualquer reação com os sons altos que os amigos faziam de vez em quando – coisas como quebrar galhos no chão, esbarrar em árvores ou gemer baixinho de frio. Os que mais sofriam com a brisa eram, óbvio, Bianca, que estava praticamente seminua, e Leonardo, que havia largado seu moletom amarelo junto ao corpo.

Joana e Kaique também sentiam calafrios, mas tinha pouco a ver com a temperatura.

Após alguns minutos de caminhada sorrateira, o gato pareceu chegar a seu destino.

Um destino tão estranho e arrepiante quanto sua presença.

Escondida por entre árvores horripilantes, de galhos e troncos retorcidos, estava uma casa abandonada. E Jo achava que vivia afastada da sociedade.

Se bem que, pensando melhor, não parecia haver ninguém morando ali. Janelas quebradas, assoalho de madeira gasto como

**O Labirinto**

Joana, Kaique, Leonardo e Bianca adentraram a casa, espremidos um contra o outro. Depararam-se com um hall de entrada magnificamente grande e abandonado. Pichações em todas as paredes, tapetes e cortinas velhas e rasgadas – inclusive, cheios de arranhões que pareciam ter sido feitos pelo próprio guia do quarteto.

Leo soltou um espirro.

Estava *muito* empoeirado. Definitivamente ninguém entrava naquele lugar há anos. Jo seguiu para o centro da sala de estar, para uma pequena mesa de centro. Dispostos pelo mesmo, retratos antigos decoravam aquele abandonado cômodo. Jo agarrou um deles com cautela e observou seu conteúdo: várias mulheres de branco, uma parada ao lado da outra, sorrindo para o fotógrafo.

Algo sobre aqueles sorrisos fez um arrepio correr pela espinha de Joana.

Kaique, Bianca e Leo chamaram a menina e seguiram subindo para o segundo andar da casa. Foram de cômodo em cômodo, procurando por respostas para perguntas difíceis demais – quem morava lá? Como nunca tinham ouvido falar daquela casa? O que houve com o gato que parecia ter desaparecido ao entrarem lá?

No geral, era o que esperavam da casa ao vê-la de fora. Cheia de pó e itens velhos que pareciam ter pertencido a alguma família muitas décadas atrás. Jo nunca tinha conseguido entender esse conceito. De abandonar uma casa e tudo para trás... Algo estava estranho.

Os amigos permaneceram, a maior parte do tempo, em silêncio. Mesmo sendo aparente o vazio dentro do imóvel, ainda tinham a sensação de estar ultrapassando propriedade privada. Queriam inconscientemente chamar menos atenção.

- Acho que... Sei lá... – Leo começou a murmurar enquanto entravam em um quarto composto por um armário velho, uma cama de casal bem arrumada e uma escrivaninha – Devemos ir embora.

- É, eu não to gostando disso... – Bianca concordou.

Kaique olhou para a namorada, os olhos esbugalhados quase implorando para que ela ouvisse aos amigos.

Joana manteve-se calada por alguns segundos. Encarou novamente os quadros pendurados nas paredes: as mesmas mulheres, em posições e ambientes diferentes... os mesmos sorrisos. Seus dedos tatearam o rosto da mulher no centro, a que parecia a mais triste de todas. Seu sorriso era claramente forçado, dando a impressão que suas bochechas haviam sido pregadas com pregos em seu crânio, e suas sobrancelhas erguidas como se tivesse acabado de levar um susto. O vidro estava tão gelado que parecia cortar sua pele.

Ela olhou para o namorado e assentiu com a cabeça.

- Vamos.

Bianca soltou um suspiro aliviado.

Deram meia volta e começaram a seguir novamente pelo longo corredor. Andaram e andaram.

Até que os cômodos interligados começaram a perder total o sentido. Portas começaram a levar a lugar nenhum, corredores que iam em círculos... Sequer conseguiam lembrar como chegar na escada que dava acesso ao primeiro andar da enorme mansão. Avistaram uma ou outra escada que, infelizmente, só levavam ao andar de cima e preferiram não arriscar subir mais.

Andaram por horas e horas. Leonardo era o mais incomodado. Às vezes, perguntava aos amigos se eles escutavam as vozes e ruídos... Ninguém além dele escutava.

Os amigos estavam confusos, sem saber para onde ir.

- É para esquerda – afirmava Leo.

- Não, cara, a gente estava na esquerda! – retrucava Kai.

- Temos que ir em frente – apaziguava Bianca.

As discussões mais atrapalhavam que qualquer coisa. Porém, principalmente para os meninos, era difícil esconder a tensão causada por não estarem tendo progresso. Leo em particular estava quase agressivo.

Toda vez que Bianca se aproximava para acalmá-lo ele desviava como se ela fosse feri-lo. Olhava fulminantemente para Joana toda vez que se encontravam em um buraco de sem saída, como se a culpa fosse inteiramente dela de estarem ali.

Depois de um tempo – que pareceu infinito –, Joana os viu parados no mesmo quarto de antes, com o quadro do sorriso maligno. Seus olhos encheram d`água – como era possível terem andado por tanto tempo e acabado no mesmo lugar. Sem forças e frustrada, ela sentou-se na cama. Uma nuvem de poeira levantou, fazendo Leonardo espirrar.

- QUE MERDA! – ele gritou, enfiando o punho em uma das paredes. Formou-se um buraco enorme, revelando um monte de insetos dentro da parede. Baratas, cupins, formigas, e outros que os amigos não reconheceram se dispersaram para a parte escura.

Bianca soltou um gritinho e correu para fora do quarto imediatamente.

Kaique e Joana encararam Leo com horror. O amigo estava transtornado.

- Como pode estar sentada?! – ele perguntou, áspero – Levanta a bunda daí e vamos achar a saída.

- Estamos tentando fazer isso há horas – Kaique respondeu, com a voz calma. Seus lábios estavam cerrados. Não gostava do jeito que ele estava falando com sua namorada, mas não queria deixar a situação pior.

- E acabamos no mesmo lugar... – completou Jo.

- Gente...

- Eu não ligo! Fizemos o caminho errado, grande bosta. A casa é gigante, deve ter vários jeitos de sair daqui. – Leo levou as mãos a cabeça – Como não estão ouvindo isso?!

- Isso o que?

- AS VOZES! OS RUÍDOS! – ele fechou os olhos com força. Sua maquiagem estava derretendo por conta do suor acumulando em seu rosto.

- GENTE!

Kaique e Joana rapidamente se viraram para Bianca, do lado de fora do quarto. Seus olhos azuis estavam arregalados e sua boca entreaberta. Estava branca como um fantasma.

Joana se colocou de pé em um movimento ágil e foi para o lado da amiga, tentar entender o que estava chamando a atenção dela. No entanto... Ao chegar no corredor se arrependeu profundamente de tal decisão, pois o que viu era o suficiente para assombrar seus sonhos para sempre. No final do corredor que perambularam por horas antes, encontrava-se uma sombra. Uma sombra bem delimitada e reconhecível: o corpo de uma criancinha, com seu cabelo preso em duas trancinhas e usando um vestido. A coisa manteve-se imóvel, encarando as duas amigas.

Jo abriu a boca para gritar socorro para os dois amigos, mas nenhum som saiu. Se aquilo fosse um sonho, desejou desesperadoramente acordar.

Kai, notando seu espanto, se juntou as duas. Sua voz não travou como a da namorada e ele soltou um grito alto. Puxou Bianca e Joana pelo braço para dentro do quarto e fechou a porta com força atrás deles.

- Jesus Cristo... – ele sussurrou.

- O que foi? – Leo ergueu a cabeça.

- Tem uma garotinha demoníaca lá fora!

Aquela informação fez o queixo de Leonardo cair.

- Ela está lá fora?

- O que?

- A garotinha de tranças. Ela está lá fora?

- Leo, cara. Para com essa merda agora! Você tá me assustando!

- Ela pediu pra eu encontrá-la... – o garoto encarava a porta, numa espécie de transe – Acho que ela me encontrou.

Os outros três o olharam em choque.

- Deixa eu sair.

- Não! Tá louco?

- Deixa eu sair.

- Leonardo...

- DEIXA EU SAIR, SEU MERDA! – Leo agarrou Kaique pela gola da jaqueta, o empurrando contra a porta com força.

Joana e Bianca agarraram cada uma um de seus braços, tentando apartar os dois. Leonardo balançou os ombros de um lado para o outro com força, jogando Jo contra a cama. Ele segurou Bianca pelos ombros finos e a prensou contra a parede. Ouviram o estalo das costas da menina contra a madeira velha.

Seus dedos tatearam o pescoço da menina, fechando ao redor do mesmo num aperto firme. Ele encarou seu rosto em choque aos poucos perder a cor até Kaique acertar um soco contra seu rosto, fazendo-o soltar dela. Leonardo cambaleou para trás, tocando no nariz e Bianca escorregou pela parede até o chão.

Leo olhou para o sangue em seus dedos e depois para Kai. Sua atenção caiu para a loira no chão.

Seu semblante mudou.

Parecia ter despertado de um sonho... E estava enojado com a cena da garota que mais gostava no mundo machucada... Machucada por ele.

Enxugou o sangue do rosto com as costas da mão. Deu meia volta e, sem dizer uma palavra a qualquer um dos amigos, abriu a janela.

- Leo! – Jo gritou em protesto, mas era tarde.

Leo colocou o peito para fora e se jogou para fora da casa.

Tudo que ouviram foi o barulho ensurdecedor de seus ossos se quebrando ao atingir o chão. A falta de um grito de dor denunciou... a sua morte.

Kaique correu para a janela, chorando e soluçando alto. Joana o acompanhou, mas não teve coragem de olhar. Só conseguiu apoiar o rosto no ombro de Kai e acompanhar seu choro. Não podia ser verdade. Pela décima vez naquela noite, beliscou seu pulso, tentando acordar de qualquer pesadelo maldito que aquilo fosse.

- Jo...

A namorada não respondeu.

- Jo, a Bianca sumiu...

**Você pertence a mim**

- Precisamos correr...

Não houve resposta.

- Jo, precisamos ir atrás dela.

- Leo está morto, Kai – ela olhou para ele, longos e grossos caminhos de lágrimas umedecendo suas bochechas – Ele estava vivo agora a pouco e... Não está mais.

Joana tinha entrado em algum tipo de estado catatônico, completamente alheia ao que Kaique dizia. Sabia, bem lá no fundo, que devia ser algo importante. Entretanto, seu cérebro estava tendo dificuldade em processar qualquer tipo de informação.

Kai pegou a menina pelos ombros gentilmente, curvou-se até atingir sua altura e encarou fundo nos olhos negros como a noite. Jo encarou de volta, seu coração batendo tão forte que seu corpo inteiro tremia. Olhou o menino, mas não o enxergou. Sua visão turva dificultava o foco.

- Meu amor, algo de ruim aconteceu com a Bianca. Não vamos perder outra pessoa hoje, ok?

As palavras pareciam ter perfurado fundo em sua pele. Piscou os olhos algumas vezes antes de olhar para os lados e não encontrar a amiga loira em qualquer lugar do quarto. Entendeu o que o garoto estava dizendo.

*“Algo de ruim aconteceu com Bianca”.*

Um tapa na cara doeria menos. Seus melhores amigos e amor de sua vida estavam em perigo real simplesmente porque ela foi enxerida e seguiu aquele maldito gato. Um enorme frio na barriga subiu, a culpa.

Mas afinal, o que estava fazendo isso? Aquela garotinha? Era um fantasma? Existiam fantasmas? Leo estava ouvindo vozes antes, aquelas vozes eram fantasmas? Ela, Kai e Bianca estavam passíveis de ouvir tais vozes e, com o amigo, enlouquecer?

Não tinha a resposta para sequer uma pergunta. Só tinha a certeza que precisavam dar o fora de lá. E achar Bianca.

Joana olhou para Kaique com mais afeto que nunca. O medo de perdê-lo, de repente, a consumiu. Admirou o rosto do garoto sentindo seu coração ficar pesado. Morreria antes de perdê-lo. Tinha que dar um jeito de tirá-lo de lá. Ele não merecia pagar por uma teimosia sua. Merecia mais que morrer num lugar como aquele.

Intercalou seus dedos em seu cabelo, juntando suas testas. Kai fechou os olhos, provavelmente também apreciando o momento com a namorada.

O momento, ainda que bom, durou pouco.

Um grito vindo do armário do quarto fez os dois pularem e soltarem um do outro.

Uma figura alta, esguia e oblíqua estava em um dos cantos do velho armário. Seus olhos, a única coisa distinguível do resto da figura, brilhavam como a lua no céu. A coisa parou de gritar quando o casal virou para encará-la e ameaçou dar um passo em sua direção.

Kaique agarrou Joana pela mão e a puxou com força para o corredor. Ambos correram olhando para trás a todo o momento. Joana não conseguia compreender no que diabos haviam acabado de presenciar. Estava lá o tempo todo. Não havia local seguro naquela casa. Estavam de volta no labirinto que era aqueles cômodos e corredores, mas sequer estavam raciocinando sobre onde estavam indo. Apenas correram. Correram até seus pulmões arderem, fechando todas as portas por onde passavam. Ocasionalmente, Kaique gritava “Bianca”, na esperança de encontrar a amiga, mas isso foi diminuindo na medida que o fôlego foi sumindo.

Quando estavam prestes a desmaiar de cansaço, uma luz apareceu no fim do túnel – ou melhor, uma escada apareceu no final do corredor. Correram escadaria à baixo, feliz por terem pelo menos alcançado o primeiro andar. Agora era só arranjar alguma janela ou porta e sair daquela maldita casa.

Era o que Joana pensava, pelo menos.

Kaique, porém, ao chegarem no primeiro degrau, parou de correr.

- Bianca, Jo. Ela não deve ter descido.

Joana quis bater o pé. Dizer para irem embora de uma vez. Argumentar que seria difícil encontrar a escadaria de novo e que a amiga talvez não estivesse mais viva.

No entanto, uma voz baixinha que só podia estar vindo de sua consciência falou mais alto. E ela não disse nada. Apenas acompanhou o namorado de volta para cima. Ambos pararam de correr.

- Vamos olhar os cômodos que não passamos e ver se ela está lá.

- Kai... Se não acharmos ela em cinco minutos, vamos embora.

Kaique arregalou os olhos. Olhou a namorada e depois olhou ao redor. Sem falar nada, assentiu com a cabeça.

O casal passou pelos cômodos mais próximos a escada, sempre voltando para perto dela. Decidiram que não iriam deixá-la sumir novamente se aventurando por dentro da casa. Em pouco menos de três minutos, Kaique disse:

- Vamos embora. – não havia qualquer emoção em sua voz ou olhar.

Joana olhou o namorado com pena. Ele estava realmente com medo. Medo demais para continuar. Não podia culpá-lo. Sentia a mesma coisa. Ela agarrou sua mão e, mais uma vez, desceram a escadaria, chegando no hall onde aquela noite havia começado. Curiosamente, o gato – aquele maldito gato – estava deitado no centro do enorme salão. Calmo e alheio a tudo aquilo, lambendo sua pata da frente.

Jo olhou o felino com raiva. Sequer sentiu medo naquela vez. Ressentia o gato com todas as suas forças. Não se importava se era um animal, se não tinha culpa nenhuma daquele. Desejou que o gato realmente estivesse morto.

E, então, percebeu que o gato estava, de fato, morto.

Os olhos estavam saltados para fora das órbitas oculares e sua barriga visceral e cheia de sangue. Do mesmo jeito que estava quando foi atropelado. O gato não retribuiu o olhar interessado e seguiu seu banho.

A garota tentou não fazer nenhuma pergunta e seguiu com Kaique atravessando o hall. Ao chegarem na porta da frente, é claro, estava trancada. Ele forçou as maçanetas com vontade, enquanto Joana verificava quantas trancas havia lá.

- Não tem jeito...

- A gente pode achar uma jane... – a fala de Joana foi interrompida pelo grito mais alto de toda aquela noite.

Vindo diretamente do segundo andar, a voz angelical de Bianca gritou por socorro. Ao mesmo tempo, ouviram o barulho da porta destrancando. Kaique, que ainda estava forçando as maçanetas, conseguiu finalmente abrir a saída dos dois.

- ME AJUDEM, POR FAVOR! JO! KAI!

- Vamos embora, Kai. – Jo afirmou.

Kaique olhou em direção a escada, visivelmente indeciso sobre o que fazer. Jo sabia que ele não iria conseguir suportar a ideia de deixar Bianca para trás. Mas Jo preferia-o vivo. Preferia não arriscar sua vida. Ela sabia que ele iria ressenti-la, que iria chateá-lo. E ainda assim tinha que protegê-lo.

Sem dar chance para ele tomar a decisão errada, Jo agarrou o pulso do namorado e puxou-o para fora da casa. Ele cambaleou para frente e a seguiu, sem protestos. O grito de Bianca mais assustou-o que qualquer outra coisa.

Os dois estavam quase alcançando o final da varanda quando foram arremessados de volta para dentro da casa. Seus corpos ficaram erguidos, pendendo sobre o chão, colados contra a parede. Jo sentiu sua cabeça pulsar pelo impacto da batida e seu corpo inteiro doer.

Ao seu lado, Kai gemeu de dor.

Sua visão mais uma vez ficou turva e era difícil enxergar naquele breu. A única coisa capaz de se distinguir era uma pessoa andando descalça no hall.

Bianca.

- *I know... You belong to somebody new… But tonight, you belong to me…*

- Bi?

- Olá, amigos. – ela abriu um sorriso sincero.

- Eu não to entendendo... – disse Kai.

- Querido, não precisa entender. – a loira manteve o sorriso inabalável e começou a caminha sorrateiramente até eles. Alguma coisa sobre o jeito que ela andava mandou arrepios às costas de Jo – Quer dizer, você não. Nem vai ficar por aqui tempo o suficiente para entender. Já a Jo...

- Eu não sei que tipo de brincadeira você tá fazendo... Mas é melhor parar.

- Jo, eu não to fazendo nada – ela gargalhou – Vocês fizeram isso. Vocês que pediram por isso.

- Do que você tá falando?

- É, é melhor começar a se explicar.

A garota loira permaneceu inabalável. Sua feição continuava tão calma quanto estava no carro, quando a noite começou.

- Ainda me impressiona como vocês nunca lembram de nada. Na primeira vez que isso aconteceu, jurava que eu era a maluca, que tinha criado um monte de memórias falsas... Afinal, como poderia meus melhores amigos me largarem pra morrer? Mas aí, quando os eventos se repetiram da mesma forma que eu lembrava... Bom, aí não tem como negar.

Jo franziu o cenho, tentando desesperadoramente se libertar da força que a prendia na parede. Lutou para balançar o pescoço, espernear, qualquer coisa, e nada.

- Deixa eu jogar uma luz, então – a outra garota continuou – Kai, em que ano estamos?

- 2001 – ele respondeu, meio confuso.

- ERRADO! – ela deu um gritinho, batendo palminhas enquanto pulava. – Não estamos em 2001 há pelo menos uns 15 anos. Eu, francamente, já perdi a conta.

Se até então Jo tinha um pingo de esperança de tudo aquilo ser uma brincadeira de mal gosto, tinha acabado de desaparecer. Sua amiga a encarava de um modo maldoso e sádico, aproveitando-se de sua incapacidade de reagir. Ela estava gostando de ver os dois confusos e sofrendo contra a parede.

- Mas tem sentido o que você falou, Kai... A primeira vez que essa noite aconteceu foi em 2001. 31 de dezembro de 2001. Dia das bru-u-uxa-a-as – ela ergueu as mãos para o ar e tremendo a voz para falar. – Não preciso contar o que aconteceu né, vocês já sabem! Acabaram de relembrar. Joana surtando e seguindo um gato, nós acompanhando como bons amigos, Leo me agredindo, vocês dois deixando Leo se jogar da janela, e, por fim – ela abriu um enorme sorriso – o meu casal *predileto* me deixando para morrer.

Ela deu uma pausa e encarou o rosto dos dois.

- Não que vocês tenham chegado nessa parte de novo. Eu não deixei. Sempre fiz questão de não ser a última a morrer.

- Eu não entendo... – Kai franziu as sobrancelhas. – Estamos repetindo a mesma noite sempre?

- Sim. Todo ano.

- Mas você disse que conseguimos escapar em 2001...

- Kai, você não me dá tempo de terminar! – soltou um risinho agudo e rouco – Lógico que vocês não sobreviveram. Assim que saíram pela porta, foram atacados pelas sombras.

- Sombras...

- Acontece que quando você passa muito tempo por aqui, como eu passei antes de morrer, você aprende a ficar amiga das sombras. É engraçado como elas conseguem sentir pena de você antes de te matarem. – sua voz deu uma falhada na hora de falar de sua morte – Como uma espécie de prêmio de consolação, elas deixam eu reescrever a história todo ano. Uma história em que eu não sou a idiota do grupo... você é.

Seu olhar frio e cálido pousou em Joana.

- Por quê? – os olhos de Joana encheram d’água.

Não queria morrer... quem dirá estar morta. Não queria viver isso todo ano. Não queria que sua amiga tivesse tanto ódio dela.

- Você nunca gostou de mim, Jo... Não de verdade – ela parecia realmente triste – Você convenceu Kai a me deixar sozinha aqui... Não posso te perdoar por isso, né?

- Me desculpa – Jo gaguejou, suplicando perdão.

- Hm... Não sei. Só se você me desculpar por isso.

Jo ergueu as sobrancelhas e a primeira coisa que ouviu foi o barulho de um rasgo. A segunda coisa foi o grito de dor de seu namorado. E a terceira foi o corpo dele caindo no chão.

- NÃO, NÃO, NÃO! BIANCA! – ela gritou, as lágrimas escorrendo com força de suas bochechas para o colo.

A loira se aproximou do amigo e sentou-se ao seu lado. Deixou a cabeça dele repousando em suas coxas e tirou de trás do sutiã um pedaço de vidro quebrado.

- NÃO MACHUCA ELE, BIANCA!

O pedaço de vidro escorregou numa linha reta pelo pescoço de Kai, que imediatamente começou a engasgar com o próprio sangue. Era um som horrível. O sangue espirrou como um jato para o corpo de Bianca e Joana, cobrindo as duas de vermelho.

Joana chorou como nunca havia chorado antes. Nunca havia sentido uma dor como essa.

- VAI SE FODER!

- Jo! – Bianca riu, se colocando de pé. – Você não entende, não é? Ele já está morto.

O corpo de Jo caiu no chão, mas ainda era impossível da garota se mexer. Suas pernas estavam pesadas e ela mal conseguia sentir os braços. Apenas ficou sentada largada no chão, chorando compulsivamente, enquanto a outra se aproximava dela.

- Eu nunca quis que fosse assim... – Bianca forçou um biquinho, como uma criança – Mas todo o ano eu fico com tanta raiva de você. Tudo isso é culpa sua.

Ela colocou uma mecha do cabelo preto da menina atrás de sua orelha.

- E só sua.

- Você que faz a gente sofrer. Gosta disso.

Bianca deu de ombros e riu baixinho.

- Culpada!

Joana virou a cabeça para o lado, sentindo nojo e medo de olhar para ela por tempo demais. Sentia o sangue quente de seu namorado na pele.

- Acaba logo com isso... – suplicou.

- Acredite... Não é só porque já está morta que isso não vai doer. – Bianca sorriu, enfiando o pedaço de vidro no estômago de Joana.

A morena ia soltar um grito mas a dor foi grande demais para conseguir juntar forças e pedir para parar. Ela reprimiu a vontade de berrar. Cerrou os olhos e abriu a boca. Bianca, não satisfeita, virou o caco, aumentando a área do corte.

O corpo de Jo caiu no chão, batendo a cabeça contra o assoalho, mas ela já não sentia mais nada. Só conseguia reparar no que acontecia dentro dela. só conseguia notar seus órgãos aos poucos parando de trabalhar e ela, lentamente, morrendo.

Bianca ficou sentada do seu lado o tempo todo, segurou sua mão. Joana até chegou a achar logo antes de morrer que a loira estava chorando, mas ficou sem saber. Poucos minutos depois, as únicas figuras presentes na sala eram a loira e o gato.

Ambos mortos e perambulando pela enorme mansão.